

# **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

## **A DIMENSÃO LOCAL DO ENSINO DE HISTÓRIA NA REDE MUNICIPAL DE PRAIA GRANDE**

Eduardo Carvalho de Almeida  
UNIFESP – EFLCH Guarulhos  
eduardo.almeida@unifesp.br

### **Introdução: discutindo sobre História local**

O presente trabalho pretende apresentar uma proposta de pesquisa, que será baseada nas práticas de ensino da chamada “História local”, um tipo de escrita histórica em processo de crescimento e que necessita de abordagens específicas para cada objeto de estudo, devido a suas particularidades.

É preciso antes problematizar os conceitos referentes ao que se chama “História local”, bem como estar ciente dos desafios provenientes de suas formas de pesquisa e/ou ensino. Começando pelo que se define como “local”, não apenas em seu conceito geográfico, mas também como espaço marcado pela proximidade e pela contiguidade de relações, estabelecer o recorte espacial torna-se tão importante quanto o temporal. De acordo com Michel de Certeau, “o gesto que liga as ‘ideias’ aos lugares é, precisamente, um gesto de historiador” (1982, p. 65), assim, o local pode ser interpretado como algo instituído pelo pesquisador/professor.

Dessa forma, antes de definir qual o recorte espacial e temporal, é necessário indicar o público-alvo da pesquisa proposta: professores de História das séries finais do Ensino Fundamental, atuantes na rede municipal de ensino do município de Praia Grande (litoral de São Paulo). Entretanto, a história dessa cidade não se limita à sua atual demarcação territorial, pois está localizada na Região Metropolitana da Baixada Santista, na qual as cidades estão interligadas historicamente por sua origem na antiga Capitania de São Vicente e, ainda atualmente, pelas essenciais relações socioeconômicas entre os municípios.

A rede municipal pesquisada possui um total de 70 escolas (de acordo com os dados do Censo Escolar de 2020), das quais 19 unidades atendem os 11.986 alunos das

# **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

séries finais do Ensino Fundamental<sup>1</sup> e dentre essas escolas existem 50 professores de História<sup>2</sup> que possuem vínculo efetivo com a rede, além dos contratados temporariamente.

Assim como muitos moradores da Baixada Santista, que residem em uma cidade e trabalham em outra na mesma região, grande parte dos professores da rede municipal de Praia Grande vem de outras cidades, e alguns estão em processo de mudança da capital ou interior para o litoral, trazidos pela estabilidade de um cargo efetivo. Dessa forma, a visão de História local para esses docentes ultrapassa os limites do município em que lecionam. Da mesma forma, seus alunos também vêm de famílias com diversas origens, residindo na cidade há muitos anos ou recém-chegados. Assim, a ideia de usar o ensino de História local, com o objetivo de criar uma identificação dos educandos com suas origens, torna-se mais complicada e distante.

Entretanto, a disciplina de História privilegia conteúdos que abordam o conceito de formação da sociedade e da economia brasileira, bem como conceitos de estabelecimento de territórios e noções de política e nacionalidade, não só no Brasil, mas também com todas as influências advindas das diferentes populações que aqui chegaram – pelos mais diversos motivos – e se estabeleceram. A cidade e a região em que os educandos aqui citados vivem são muito ricas em informações textuais, cartográficas e pictóricas, além dos diversos monumentos, arquitetura e paisagens naturais que contribuem na construção do conhecimento em nível local e também global.

## **Compreendendo a dimensão local da História**

Um “local” pode ser definido pela proximidade e pela contiguidade de relações entre sujeitos que estabelecem um lugar de sociabilidades. Assim, a abordagem do ensino de História local possibilita a compreensão do entorno do aluno, identificando o passado em seu cotidiano e locais de convivência.

Porém, existem desafios em se conceituar e trabalhar essa categoria, podendo ser arriscado tratar a História local como “história pequena”, como “história do entorno”, como conjunto coeso e diminuto de relações, passível de ser estudada em sua “totalidade”,

---

<sup>1</sup> ACADEMIA QEDU - Censo Escolar/INEP 2020. Disponível em: <<http://academia.qedu.org.br/censo-escolar>>. Acesso em: 19 jul. 2021.

<sup>2</sup> SISAA 4.0 - Sistema de Atribuição de Aula. Disponível em: <<http://www.cidadaopg.sp.gov.br/atribuicaoonline>>. Acesso em: 19 jul. 2021.

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

determinada pelo espaço geográfico e como uma extensão e um desdobramento da história “não local”, ou seja, as leituras sobre como entender e pesquisar a História local geram desafios que precisam ser interpretados por quem pretende estudá-la (Cf. CAVALCANTI, 2018, p. 281-3). Essa “história pequena”, limitada geograficamente, não alcançando além desses limites, origina-se da interpretação como história do entorno, próxima espacial e temporalmente; aqui o uso da memória é importante, mas não se pode reduzir-se a isso apenas, como se a História local estivesse perdida entre memórias, só esperando que o historiador as descubra.

Por outro lado, a História local é um espaço privilegiado para problematizar as relações entre sujeito e espaço e permite repensar as relações hierárquicas entre nacional e regional. Percebe-se que o espaço (local ou global) não se define apenas pelos limites físicos e geográficos, mas principalmente por práticas políticas e relações de poder, ou seja, é uma construção política e simbólica. Ademais, diante de tantos desafios, é muito importante, antes de tudo, *compreender a dimensão local da História*, pois ao se ter clareza sobre tal dimensão, percebe-se que as relações e forças locais não estão necessariamente submetidas a uma determinação nacional ou global.

### **A “história regional” no currículo de Praia Grande**

Desde o ano de 2019, a Secretaria municipal de Educação de Praia Grande inseriu em seu currículo – que utiliza a estrutura da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) – o ensino de “História regional”<sup>3</sup>, aqui expandido para as séries finais do Ensino Fundamental e vinculado a alguns dos eixos temáticos já existentes ou como objeto de conhecimento específico. Como explicitado anteriormente, essa abordagem didática precisa ser feita de forma cuidadosa, pois não se deve tratar a História local como “micro história” encaixada dentro de uma visão macro, desconsiderando as relações entre sujeitos e espaço e dificultando repensar as relações hierárquicas entre nacional e regional, bem

---

<sup>3</sup> O termo “História regional”, em vez de “local”, foi adotado no currículo municipal. Nesse, a competência específica de História nº 8 tem como texto: “Valorizar a História Regional e os saberes locais de forma a se identificar com o lugar em que vive, praticando exercícios de reflexão crítica e estando apto a atuar como agente transformador de sua sociedade”. Disponível em: <<http://dpid.cidadaopg.sp.gov.br/professores/mod/url/view.php?id=2263>>. Acesso em: 10 jan. 2021. (O documento ainda não foi oficializado, e por isso seu acesso está restrito à plataforma utilizada pelos professores da rede municipal.)

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

como relações de poder e conflitos, podendo desenvolver generalizações e anacronismos. Tampouco é apenas uma peça de quebra-cabeça a ser encaixada na história “nacional”.

O Currículo Municipal de Praia Grande, em seu componente “História”, afirma que pretende construir “uma identidade regional na qual o aluno se reconheça. O aluno, desde o Fundamental I, deve perceber-se como sujeito participante da sociedade, compreender cronologia, permanências e rupturas, construindo uma base conceitual” (PRAIA GRANDE, 2020, p.199) e que, na organização desse currículo,

preservou-se a estrutura da BNCC, sua sequência didática e formas de lidar com a construção do conhecimento histórico [...] contudo algumas alterações foram necessárias para que o currículo local fosse inserido para formar educandos que se sintam pertencentes à localidade em que moram e agentes da realidade em que vivem (Ibidem, p. 199-200).

Assim, torna-se relevante buscar conhecer quais as visões e conceitos os professores, por exigência do currículo, precisam ensinar sobre a história “regional”. Quais suas abordagens? Quais suas fontes de pesquisa? Como são suas práticas didáticas? Já existia uma preocupação pessoal em tratar sobre o tema, antes de ser inserido no currículo? Sentem-se amparados pela Secretaria de Educação ao buscar informações e subsídios? Ainda nesse ponto, por se tratar de uma exigência curricular, pode-se verificar como é feita a transição da dimensão normativa do currículo para a interativa. A saber, conforme abordado pela pesquisadora Circe Bittencourt, o currículo formal ou normativo, é criado pelo poder estatal, porém, o “que efetivamente é realizado na sala de aula por professores e alunos” corresponde ao currículo real ou interativo (2009, p. 104). Assim, de que forma as diretrizes do currículo da rede municipal são executadas pelos professores “em ação” nas suas práticas? Portanto, a proposição geral do projeto de pesquisa procura descobrir e analisar como o ensino de História local é praticado pelos docentes e qual a sua dimensão e relevância, para esses professores e professoras da rede citada.

## **A dimensão local nas práticas docentes**

No caso da investigação com os alunos, justifica-se para a presente proposta de pesquisa a importância do conhecimento sobre História local, por esse possibilitar, ainda

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

de acordo com Circe Bittencourt, “a compreensão do entorno do aluno, identificando o passado sempre presente nos vários espaços de convivência – escola, casa, comunidade, trabalho e lazer –, e igualmente por situar os problemas significativos da história do presente” (Ibid., p. 168). Como prática didática, na busca por recursos que vão além dos que podem ser trazidos à sala de aula, é possível conhecer uma gama de locais, equipamentos e paisagens que podem contribuir na formação de identidade do aluno, consequência de uma maior compreensão do processo histórico da região e sua população em geral. É interessante destacar que a maioria desses recursos, por fazerem parte da paisagem urbana, passam despercebidos pelas pessoas, que muitas vezes não têm tempo ou hábito de observar a riqueza histórica e cultural que existe ao seu redor. Além disso, muitos equipamentos dependem diretamente do poder público ou de organizações civis e instituições educacionais, pelos quais se sujeitam seu estado de conservação, divulgação e utilização desses espaços.

Também é possível justificar esta proposta de pesquisa através da minha própria prática docente, pois parte da inspiração decorreu da preocupação em apresentar aos alunos lugares que, para muitos deles, são novidade, buscando expandir a visão de mundo dos educandos, potencializando seus conhecimentos prévios e construindo novos saberes. Com o passar dos anos, percebeu-se que as visitas de estudo do meio traziam inovações não só aos alunos, mas também à prática docente. A cada atividade realizada, novas necessidades surgiam e erros anteriores eram corrigidos; da mesma forma, as soluções de alguns problemas suscitavam o aparecimento de outros. Todos esses fatores enriquecem o professor enquanto docente e indivíduo: neste caso, uma pesquisa-ação já estava sendo realizada de forma inconsciente, porém, conforme observa David Tripp, devido à popularidade e à “amplitude de sua aplicação, a pesquisa-ação tornou-se atualmente um termo aplicado de maneira vaga a qualquer tipo de tentativa de melhora ou de investigação da prática” (2005, p. 443).

A partir dessas observações, ao tomar consciência criticamente de que melhorias na prática pedagógica poderiam ser desenvolvidas através da pesquisa-ação, como professor decidi tornar-me também um pesquisador, buscando realizar ações que não se definissem por si só, mas que fossem o resultado de pesquisas e experiências prévias, com análises posteriores dos resultados e novas revisões das ações, sempre objetivando

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

proporcionar o aprimoramento da prática. Portanto, concordando com a pedagoga Maria Amélia Franco, “a pesquisa-ação crítica não pretende apenas compreender ou descrever o mundo da prática, mas transformá-lo” (2005, p. 486).

Assim, ao verificar, junto aos alunos, as potencialidades educadoras do local em que vivem, busca-se também recuperar a identificação dos educandos aos espaços e memórias construídas ao longo do tempo pela população que hoje constitui a Região Metropolitana da Baixada Santista, formada através de uma história de ocupação e de dominação, aliadas a um sincretismo advindo do contato entre diversas culturas de várias partes do mundo. Essa profusão de informações, muitas vezes, não pode ser contemplada numa gama de conteúdos formalmente estabelecidos, pois os diferentes espaços públicos e privados se formaram por processos que dependeram de atitudes políticas, clericais, militares, da sociedade civil ou até mesmo por ações da natureza. O espaço atualmente limitado do ambiente escolar não tem condições de contemplar o conhecimento que pode ser gerado a partir dessa abundância de subsídios. O aluno precisa desenvolver a capacidade de diferenciar as intenções dos espaços que o circunda. Para um educando, não parece ser óbvia a diferença entre público e privado ou definir se determinado espaço foi fundado e se mantém com recursos de um grupo específico, ou mesmo conhecer as origens desse grupo. É preciso fomentar essa curiosidade, para gerar uma maior identidade local.

Dessa forma, a escola precisa observar o seu entorno, instigando o saber para além de seus muros. Apesar de já se saber que, enquanto instituição isolada, a escola não pode contemplar todos os conhecimentos, existe a noção de que um dos papéis da escola é justamente auxiliar na construção do conhecimento que se pode desenvolver com as informações que advêm de dentro e de fora dela. Até mesmo o critério para a escolha dos espaços deve ser cuidadoso, pois não se podem considerar apenas os “monumentos históricos” ou locais cujo objetivo é difundir determinada ideologia, pois tal prática pode “conduzir os alunos a equívocos sobre a própria concepção de história e sedimentar a ideia de que a memória histórica deve ater-se apenas a determinadas esferas do poder” (BITTENCOURT, op. cit., p. 279).

Assim, além dos locais institucionais de memória histórica, a própria família, a escola, o bairro, a cidade e a região podem servir de referência para se inspirar a empatia

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

com a história de sujeitos distantes no tempo, “e criar sentido de que partilham desse mesmo passado e dessa mesma história”, como afirmam as historiadoras Maria Auxiliadora Schmidt e Marlene Cainelli (2009, p. 151). Com tais estratégias, a observação do potencial educativo da História local visa não só a contribuição no ensino dos conteúdos formais, mas também a formação e construção de identidade, a partir da qual a valorização sociocultural da região em que se vive é consequência dessa identificação com o local, relacionada ao global.

### **Entrevistas com professores**

Na busca pela resposta da proposição sobre a relevância da História local nas práticas de ensino, faz-se necessário descobrir como os docentes percebem o tema, como (ou se) o aplicam em sala de aula e, principalmente, se os professores e professoras se identificam com esse tipo de conhecimento.

Essa proposta de pesquisa, inserida no campo do ensino de História, está diretamente ligada à metodologia da história oral. Lucilia Delgado, pesquisadora do Núcleo de História Oral, define-a como “um procedimento metodológico que busca, pela construção de fontes e documentos, registrar, através de narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações” (2006, p. 15). Esse procedimento deverá ser utilizado nas pesquisas com os professores, pois a história oral baseia-se nas memórias individuais – distinguindo-se, assim, de outros métodos de pesquisa social que também utilizam a oralidade – por meio de entrevistas, produzindo fontes que devem estar sujeitas a críticas e se constituírem em instrumentos de investigação das suas próprias condições de produção. O roteiro de perguntas buscará resgatar a trajetória dos professores entrevistados e descobrir quais seus entendimentos sobre a História local, como é aplicada em sala de aula e se enxergam algum apoio por parte dos gestores da rede. Aqui também é interessante destacar a origem de cada entrevistado, se é oriundo da região pesquisada ou não, para também observar a identificação de cada professor com o tema.

Com esse método, podem-se capturar discursos relacionados ao presente objeto de estudo, construindo informações acerca das visões sobre História local e identificando sua importância para o ensino de História e para o grupo social pesquisado. A historiadora

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Magdalena Maria de Almeida defende que quando o pesquisador coleta informações a partir da sociedade, deve considerar que

as ideias expressas por um indivíduo não são fruto de sua criação individual ou isolada, mas do conjunto das relações que acumulou ao longo de sua existência, estejam elas articuladas com a vida particular ou com a vida pública, sejam elas teóricas ou experimentais (2012, p. 2.).

De acordo com Elaine Lourenço, a “entrevista de História Oral permite um contato direto do pesquisador com sua ‘fonte’, que fala a partir do incentivo do historiador” (2011, p. 77). Assim, as entrevistas a serem realizadas buscarão temas que abordam não somente a formação acadêmica de cada entrevistado/a e sua prática docente – com questões mais específicas sobre o ensino de História local / regional – mas também aspectos gerais de suas vidas. Como a trajetória pessoal e profissional dos professores nem sempre estarão no mesmo recorte espacial, espera-se que o conjunto formado pelas entrevistas permita identificar não só a especificidade de cada prática docente, mas também seus pontos em comum.

## **Análise de outras fontes: planos de aula e subsídios da Secretaria de Educação**

Além dos trabalhos com entrevistas e questionários para os professores, outra forma de identificar as práticas docentes no ensino de História local será pela análise de seus planos de aula: através desses documentos, elaborados pelos professores a partir do currículo formal da Secretaria de Educação, buscar-se-á uma forma de saber escolar, conforme Ana Maria Monteiro definiu “como ‘saber ensinado’, em que os professores realizam um jogo com o texto do saber, operando na transposição didática interna, escrevendo sua variante local do texto do saber a partir de uma matriz de variantes que lhe dão forma concreta” (2007. p. 114). Ou seja, como os professores planejam transpor as diretrizes formais para o currículo “em ação”, de forma consciente ou não.

Entretanto, para que os docentes realizem tal transposição, é necessário buscar informações, livros, produções acadêmicas, documentos, recursos digitais e audiovisuais, entre outros subsídios que não são encontrados em qualquer material na escola, como livros didáticos, por se tratar de um objeto específico do conhecimento referente à história

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

da região que se busca trabalhar com os alunos.

Sobre tais fontes específicas de informações acerca da História local ou regional, existe na cidade o Centro de Memória da Educação (CME) da Secretaria de Educação de Praia Grande. Inaugurado em 2013, esse órgão afirma ter por finalidade

resgatar, proteger, organizar, classificar e divulgar o Patrimônio Histórico Cultural da Educação do município por meio de pesquisa, capacitação e treinamento de pessoal técnico qualificado, assegurando a produção permanente de material científico pedagógico.

Promove políticas de preservação da memória e cultura escolar, guarda, conservação da memória da Educação de Praia Grande por meio de ações junto às escolas e comunidade, estudos e pesquisas sobre a história da educação e áreas afins e cursos e capacitação para professores e equipe técnica.<sup>4</sup>

Aqui surgem mais questionamentos: se o Currículo municipal exige o ensino de história regional, são fornecidos subsídios aos professores? Os professores, ao procurar informações sobre história regional, pesquisam por conta própria ou buscam apoio nos materiais da Secretaria de Educação e do Centro de Memória? Esses materiais chegam às escolas e seus professores? Dessa forma, busca-se descobrir também – através das entrevistas com os professores e das análises de seus planos de aula – como (ou se) o conhecimento e os materiais produzidos no Centro de Memória e outros órgãos da Secretaria de Educação alcançam os professores, auxiliando na tarefa de ensinar sobre história regional, conforme exigência do currículo.

## Considerações finais

Propor o ensino de História local junto ao processo de construção de identidade deve levar em consideração os marcos de referência em outras esferas. Quando os alunos aprendem História, “estão realizando uma leitura do mundo em que vivem e, assim, o tempo presente pode se tornar o maior laboratório de estudo (...); com isso crianças e jovens percebem que os homens do passado fazem parte de sua história” (SCHMIDT e

---

<sup>4</sup> PRAIA GRANDE (Cidade). Prefeitura Municipal. Secretaria de Educação. **Centro de Memória da Educação**. Quem Somos. Disponível em <<http://dpid.cidadaopg.sp.gov.br/cme/pages/quemsomos>>. Acesso em: 05 Jun. 2021.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

CAINELLI, op. cit., p. 150). Ao perceber que o passado está presente em praticamente tudo o que existe em sua cidade ou região, os alunos podem aprender sobre o lugar onde vivem, com pessoas de outras épocas.

Concluindo a presente proposição, as discussões e metodologias aqui apresentadas servirão de base na investigação dos objetivos do projeto de pesquisa a ser desenvolvido: qual a dimensão e relevância do ensino de História local para professores e professoras? Buscando a resposta para tal questionamento, espera-se descobrir como esse tipo de escrita histórica pode relacionar-se com as práticas docentes e, conseqüentemente, para a formação de identidades discentes.

## Referências bibliográficas

ABREU, Martha; SOIHET, Rachel e GONTIJO, Rebeca (orgs.). *Cultura política e leituras do passado: historiografia e ensino de história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/FAPERJ, 2007.

ALMEIDA, Magdalena Maria de. “História oral e formalidades metodológicas”. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA ORAL MEMÓRIA, DEMOCRACIA E JUSTIÇA, 11., 2012, Rio de Janeiro. *Anais eletrônicos* [...]. Rio de Janeiro: UFRJ, 2012. Disponível em: <<https://www.encontro2012.historiaoral.org.br/site/anaiscomplementares>>. Acesso em: 8 jan. 2021.

BITTENCOURT, Circe M. F. (org). *O saber histórico na sala de aula*. 8 ed. São Paulo: Contexto, 2003.

\_\_\_\_\_. *Ensino de História: fundamentos e métodos*. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2009.

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. “Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em ciências sociais”. *Em Tese*, Florianópolis, vol. 2, nº 1, p. 68-80, jan. 2005. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/18027/16976>>. Acesso em: 8 jan. 2021.

CARVALHO, Aline e MENEGUELLO, Cristina. *Dicionário temático de patrimônio: debates contemporâneos*. Campinas: Unicamp, 2020.

CAVALCANTI, Erinaldo. História e história local: desafios, limites e possibilidades. **História Hoje**. Revista de História e Ensino. v. 7, n. 13 (2018). Disponível em: <<https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/393>>. Acesso em: 15 mai. 2021.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da História*. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CHERVEL, André. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. **Teoria & Educação**. 2, 1990.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

CORREA, Sílvio Marcus de Souza. História local e seu devir historiográfico. In: **Métis**, Caxias do Sul: EDUSC, vol. 1, jul/dez, 2002.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. *História oral: memória, tempo, identidades*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

\_\_\_\_\_.; FERREIRA, Marieta de M. História do tempo presente e ensino de história. **Revista História Hoje**, SP: Anpuh, v.2, n.4, 2013. Disponível em: <<https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/viewFile/90/70>>. Acesso em: 06 jun. 2021.

FERREIRA, Marieta de Moraes e OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de (org.). *Dicionário de Ensino de História*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2019.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. Pedagogia da Pesquisa-Ação. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, vol. 31, nº 3, p. 483-502, set./dez. 2005.

GOODSON, Ivor. *Currículo: teoria e prática*. Petrópolis: Vozes, 1995.

GOUBERT, Pierre. “História Local” in **História & Perspectivas**, Uberlândia, 6-45-47, Jan/Jun 1992, p.45.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004.

HOWARD, Ana Luisa. *O porto de Santos e a história do Brasil*. Texto de Ana Luisa Howard e Jayme Serva. São Paulo: Neotropica, 2010.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, nº 1, p.09-44, 2001. Disponível em <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/38749>>. Acesso em 30 Mar. 2021.

LOURENÇO, Elaine. **Professores de História em cena**: trajetórias de docentes na escola pública paulista (1970 - 1990). 2011. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. doi:10.11606/T.8.2011.tde-12062012-142415. Acesso em: 2021-07-19.

MEIHY, José Carlos Sebe B.; HOLANDA, Fabíola. *História oral: como fazer, como pensar*. São Paulo: Contexto, 2007.

MONTEIRO, Ana Maria F.C. *Professores de História: entre saberes e práticas*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

\_\_\_\_\_.; GASPARELLO, Arlette Medeiros e MAGALHÃES, Marcelo de Souza (org.). *Ensino de História: sujeitos, saberes e práticas*. Rio de Janeiro: MauadX / Faperj, 2007.

PORTELLI, Alessandro (A). O que faz a história oral diferente. In: Projeto História – Cultura e Representação. **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História**. SP: Educ. Fevereiro/1997, p. 25. Disponível em <<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11233>>. Acesso em: 28 abr. 2021.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

PRAIA GRANDE (Cidade). Prefeitura Municipal. Secretaria de Educação. *Currículo Municipal: Educação Infantil e Ensino Fundamental I e II, 2020*. (Documento não oficial. Currículo em formação.) Disponível em: <<http://dpid.cidadaaopg.sp.gov.br/professores/mod/url/view.php?id=2263>>. Acesso em: 10 jan. 2021.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. *Ensinar História. Coleção Pensamento e ação na sala de aula*. São Paulo: Scipione, 2009.

SILVA, Monica Solange Rodrigues e; SILVA, Rafael da Silva e. *Sob Olhar de Netuno: Memória e Narrativas*. Praia Grande, 2016.

\_\_\_\_\_. *História e Traços de Praia Grande*. Praia Grande: Prefeitura Municipal de Praia Grande, 2017.

SIQUEIRA, Fátima Valéria; CALIS, Magna Flora; SILVA, Monica Solange Rodrigues e. *Paisagens da Memória: História de Praia Grande*. Praia Grande: Prefeitura Municipal de Praia Grande, 2006.

TARDIF, Maurice. *Saberes Docentes e Formação Profissional*. Petrópolis: Vozes, 2002.

TOLEDO, Roberto Pompeu de. *A capital da solidão: Uma história de São Paulo das origens a 1900*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, vol. 31, nº 3, p. 443-466, set./dez. 2005.

VINCENT, Guy; LAHIRE, Bernard e THIN, Daniel. Sobre a história e a teoria da forma escolar. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 33, p.p. 7-48, jun. 2001.

VIÑAO FRAGO, Antonio. *Sistemas educativos, culturas escolares e reformas*. Portugal, Mangualde: Edições Pedagogo, 2007.

ZAMBONI, Ernesta e FONSECA, Selva Guimarães (Orgs.) *Espaços de formação do professor de história*. Campinas: Papyrus, 2008.